

Percepção dos moradores sobre os canteiros da arborização viária de Curitiba, Paraná

Residents perception of the roadside vegetation in Curitiba, Paraná

Bruna Fernanda Heck **BOMM**^{1,3}; Daniela **BIONDI**¹; Allan Rodrigo Nunho dos **REIS**¹; Tatiane Lima **HO**¹; Jefferson Dias de **OLIVEIRA**¹; Angeline **MARTINI**² & Alexandre **Behling**¹

RESUMO

No ambiente urbano não somente as árvores são importantes, mas também os canteiros onde estão plantadas e as composições paisagísticas. O objetivo deste trabalho foi avaliar a percepção dos moradores da Regional Matriz em Curitiba (Paraná) em relação aos canteiros da arborização viária. A pesquisa foi realizada utilizando os canteiros da arborização viária com presença de composição paisagística em 16 bairros e seis zonas residenciais da Regional Matriz. Fez-se uma amostragem estratificada totalizando 82 residências. As coletas de campo foram efetuadas no mês de abril de 2017 e consistiram em aplicar questionário com 10 perguntas para cada residência amostrada, em que se abordaram o perfil dos entrevistados e a percepção deles sobre os canteiros. Em 82 residências foram encontradas pessoas disponíveis para participar da pesquisa. Grande parte dos entrevistados (63) respondeu que aquele espaço tinha valor estético. Boa parte dos moradores (77%) que participou da pesquisa soube citar o nome de pelo menos uma espécie plantada em frente à sua casa e, destes, apenas 23% lembraram de uma espécie nativa. Conclui-se que os moradores reconhecem a função estética dos canteiros e contribuem com a composição paisagística destes em frente à sua residência.

Palavras-chave: composição paisagística; floresta urbana; jardim urbano; paisagismo.

ABSTRACT

In the urban environment not only the trees are important, but also the pits where they are planted and the vegetation forms. The objective of the present work was to evaluate the perception of the residents of the Regional Matriz in Curitiba - Paraná about the roadside vegetation. The research was carried out using the roadside vegetation in 16 neighborhoods and six residential areas of the Regional Matriz. A stratified sampling was performed, totaling 82 residences. Field collections were carried out in April 2017 and consisted of applying a questionnaire with 10 questions for each sampled residence, where the profile of the interviewees and their perception of the pits were addressed. In 82 residences, people were found available to participate in the research. Most respondents (63) responded that that space had aesthetic value. Most of the residents (77%) who participated in the survey were able to quote the name of at least one species planted in front of their home and, of these, only 23% remembered a native species. It is concluded that the residents recognize the aesthetic function of the roadside vegetation and contribute to their landscape composition in front of their residence.

Keywords: landscape composition; landscaping; urban forestry; urban garden.

Recebido em: 14 dez. 2018

Aceito em: 4 mar. 2020

¹ Departamento de Ciências Florestais, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Av. Pref. Lothário Meissner, n. 632, Jardim Botânico – CEP 80210-170, Curitiba, PR, Brasil.

² Departamento de Engenharia Florestal, Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, MG, Brasil.

³ Autor para correspondência: brunabomm@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a população mundial tem se concentrado nos centros urbanos, o que fez o crescimento das cidades interferir diretamente nos sistemas naturais (RODRIGUES *et al.*, 2010).

No Brasil, os municípios têm passado por um período de elevada urbanização, influenciando negativamente a qualidade de vida daqueles que ali residem, e, quando esse processo se dá sem um planejamento que considere os elementos naturais, tal situação se agrava ainda mais, o que gera empobrecimento da paisagem urbana (LOBODA & ANGELIS, 2005). Como consequência, a vegetação no espaço urbano muitas vezes é negligenciada e tratada com descaso, pela falta de interesse da população e dos governantes, que não compreendem os seus benefícios (SANTOS *et al.*, 2012).

Na floresta urbana, um dos principais componentes afetados é a arborização viária. Apesar de ser uma área com carência de informações, o número de pesquisas no assunto vem crescendo, pois aos poucos os usos e as funções da vegetação no meio urbano vêm sendo notados e apreciados. A valorização imobiliária, as melhorias no aspecto estético-visual e a purificação do ar são alguns exemplos desses usos e funções. Isso ocorre porque os locais arborizados acrescentam elementos naturais e linhas suaves e orgânicas ao meio urbano, assegurando identidade às ruas e fornecendo melhorias ao microclima urbano (RODRIGUES *et al.*, 2010; SANTOS *et al.*, 2012; SOUZA *et al.*, 2013; SILVA & MORAES, 2016).

Para uma boa gestão urbana, no entanto, recomenda-se a análise da percepção e da preferência da população, com a qual, por meio de questionários, se obtêm informações sobre as expectativas, a percepção estética e a percepção ambiental (BOBROWSKI & BIONDI, 2016; SANTOS *et al.*, 2017), caracterizando a participação dos cidadãos na proteção da floresta urbana (ZARDIN *et al.*, 2017). De acordo com Nascimento *et al.* (2017) e Novais *et al.* (2017), as administrações municipais podem utilizar essa ferramenta para o planejamento e a gestão da floresta urbana, atendendo a população e estabelecendo programas de educação ambiental.

No ambiente urbano não somente as árvores são importantes, mas também os canteiros onde estão plantadas, e, até onde se sabe, pouca ou quase nenhuma informação é disponibilizada sobre os canteiros e sua composição, bem como sobre a percepção de tais paisagens no bem-estar dos moradores e pedestres (BOBROWSKI *et al.*, 2009).

O uso dos canteiros na arborização viária pode ir além do mero embelezamento da paisagem, tendo em vista que no ambiente urbano, onde encontramos impermeabilização excessiva dos solos, esses espaços estão disponíveis para infiltração da água da chuva, gerando serviços ecossistêmicos (BOBROWSKI *et al.*, 2009; CAMPS-CALVET *et al.*, 2016). Além disso, esses locais servem para a inserção de espécies de menor porte em composições paisagísticas, que trarão benefícios ecológicos, estéticos e sociais. Outro benefício gerado é o aumento da biodiversidade urbana, pois os canteiros melhoram a conectividade da floresta urbana, ao funcionar como corredores e ampliar o tamanho de outros habitats urbanos (GODDARD *et al.*, 2010), desempenhando um papel substancial na manutenção e na melhoria da biodiversidade e da conservação biológica (DAVIES *et al.*, 2009).

A composição dos canteiros é variada numa cidade, com diferenças visíveis dos bairros em direção ao centro urbano e, em alguns casos, de uma vizinhança para outra. Isso ocorre porque a percepção da população em relação a tais ambientes difere conforme suas características culturais, desenvolvimento local, poder econômico e grau de educação (TODOROVA *et al.*, 2004).

Diante desse contexto, considerando a importância e a falta de informações sobre os canteiros da arborização viária, o presente estudo teve como objetivo analisar a percepção dos moradores da Regional Matriz em Curitiba (PR) em relação ao tema.

MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa foi realizada em Curitiba, capital do estado do Paraná, localizada na Região Sul do Brasil. Segundo a classificação climática de Köppen-Geiger, o clima de Curitiba é do tipo

Cfb, caracterizado como subtropical úmido, mesotérmico, sem estação seca definida, com verões frescos e invernos com geadas frequentes, com temperatura média anual de 17°C, umidade relativa do ar que oscila em torno de 85% e o acumulado da precipitação anual variando entre 1.300 e 1.500 mm (IPPUC, 2017).

O município de Curitiba está inserido na região fitogeográfica limítrofe entre as fitofisionomias de campo (estepe gramíneo-lenhosa) e floresta com araucária (floresta ombrófila mista), dentro do bioma mata atlântica (MAACK, 2017).

A cidade de Curitiba é dividida em 10 regionais administrativas, e a Regional Matriz é a que possui maiores investimentos em infraestrutura urbana por parte da prefeitura, tendo sido, por isso, selecionada para a pesquisa.

Segundo a Lei Municipal n.º 9.800/2000, a cidade de Curitiba é dividida em zonas e setores e, para o presente estudo, foram analisados os dados coletados nas zonas destinadas ao uso residencial, pois é onde a maioria das residências estão localizadas e, conseqüentemente, existe maior possibilidade de haver algum tratamento paisagístico nas calçadas (CURITIBA, 2000).

As zonas residenciais que compõem a Regional Matriz são: Zona Residencial 1 (ZR-1), Zona Residencial 2 (ZR-2), Zona Residencial 3 (ZR-3), Zona Residencial 4 (ZR-4), Zona Residencial do Alto da Glória (ZR-AG), Zona Residencial do Batel (ZR-B), Zona Residencial do Mercês (ZR-M). Cada uma possui diferentes objetivos, características de ocupação e uso do solo.

Coletaram-se dados nestes diferentes zoneamentos residenciais para obter maior abrangência da Regional Matriz: zonas residenciais ZR-1, ZR-2, ZR-3, ZR-AG, ZR-M e ZR-B (figura 1). De acordo com o IPPUC (2017), são zonas de baixa a média ocupação, destinadas ao uso residencial com altura máxima de até três pavimentos, taxa máxima de ocupação de 50%, sendo autorizados uso institucional, comércio, serviço vicinal e de bairro. A indústria só é permitida se obedecer ao porte máximo de 100 m². O intuito da pesquisa não era comparar os diferentes zoneamentos residenciais, mas realizar uma análise da percepção da Regional como um todo. Assim, os dados coletados constituíram uma pesquisa prévia sobre todas as particularidades de cada zoneamento.

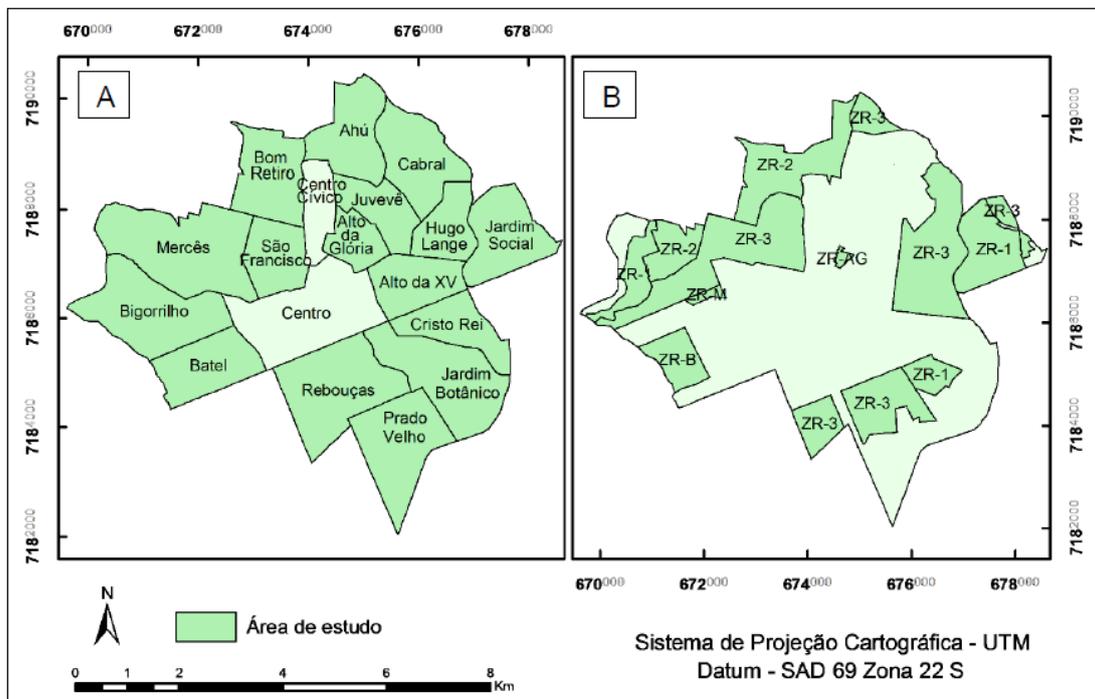


Figura 1 – Localização dos bairros e zonas amostradas na Regional Matriz de Curitiba, PR. Legenda: ZR-1 – Zona Residencial 1; ZR-2 – Zona Residencial 2; ZR-3 – Zona Residencial 3; ZR-AG – Zona Residencial do Alto da Glória; ZR-B – Zona Residencial do Batel; ZR-M – Zona Residencial do Mercês.

A ZR-4 foi a única de caráter residencial não contemplada na presente pesquisa, pois o objetivo era amostrar locais com habitações unifamiliares, com a existência de um morador responsável pela manutenção dos jardins executados nos canteiros. Segundo o IPPUC (2017), no citado zoneamento (ZR-4) a verticalização é predominante, com ocupação de habitações coletivas, transitórias e institucionais, ficando assim a ZR-4 fora do proposto da presente pesquisa, pois abrange condomínios prediais.

A Regional Matriz possui uma extensão territorial de 3.593 ha, correspondente a 8,27% da área total da cidade, sendo composta por 18 bairros: Ahú, Alto da Glória, Alto da XV, Batel, Bigorrião, Bom Retiro, Cabral, Centro, Centro Cívico, Cristo Rei, Hugo Lange, Jardim Botânico, Jardim Social, Juvevê, Mercês, Prado Velho, Rebouças e São Francisco (IPPUC, 2017).

As ruas localizadas entre dois bairros ou que dividiam as zonas residenciais descritas com outro tipo de zoneamento foram excluídas, por causa da dificuldade de determinar a qual zona pertenciam.

Realizou-se previamente uma pesquisa exploratória, com a utilização da ferramenta Google Street View, com dados de janeiro de 2016, a fim de quantificar as residências que possuíam em sua frente canteiros da arborização viária com presença de composição paisagística, existentes nas zonas residenciais da área de estudo.

Foram consideradas residências que possuíam canteiros com composição paisagística nas calçadas aquelas onde existiam espécies arbóreas, arbustivas, herbáceas, trepadeiras e/ou gramado.

Após esse levantamento inicial, foi possível chegar ao tamanho da amostra, por intermédio da equação proposta por Santos (2017), na qual a população é finita e conhecida.

$$n = \frac{Z^2 \cdot P \cdot Q \cdot N}{e^2 \cdot (N - 1) + Z \cdot P \cdot Q}$$

Em que:

n = tamanho da amostra

Z = nível de confiança (%)

P = quantidade de acerto esperado (%)

Q = quantidade de erro esperado (%)

N = população total

e = nível de precisão (%)

Empregou-se nível de confiança de 95%, com nível de precisão de 10,5% para uma população finita total de 1.407 residências.

Realizou-se uma amostragem estratificada, em que os estratos correspondem aos 16 bairros pré-selecionados da Regional Matriz. Além disso, por conta da heterogeneidade espacial na distribuição das residências com canteiros, a quantidade de amostras sorteadas foi proporcional ao número dessas residências por bairro. Sendo assim, foram sorteadas 4 amostras no bairro Ahú, 1 no bairro Alto da Glória, 4 no Alto da XV, 6 no Batel, 22 no Bigorrião, 7 no Bom Retiro, 2 no Cabral, 3 no Cristo Rei, 7 no Hugo Lange, 6 no Jardim Botânico, 9 no Jardim Social, 1 no Juvevê, 28 no Mercês, 1 no Prado Velho, 4 no Rebouças e 2 no São Francisco, totalizando 107 residências amostradas.

Foram sorteadas ruas em cada bairro. Em cada um dos trechos das ruas sorteadas, escolheu-se, ao acaso, uma residência que possuía composições paisagísticas nos canteiros da arborização viária, para que o questionário fosse aplicado aos moradores. Quando os trechos sorteados não apresentavam mais os canteiros observados na pesquisa exploratória, procedia-se a novos sorteios.

As coletas de campo foram realizadas no mês de abril de 2017 e consistiram em aplicar questionário por meio de entrevista aos moradores de cada residência amostrada. Tais questionários continham dez perguntas, das quais cinco eram fechadas e dicotômicas, uma era fechada e dicotômica com caixa de comentários, uma era fechada de múltipla escolha e três eram abertas.

As quatro primeiras perguntas caracterizavam o perfil dos entrevistados em relação a gênero, idade, nível de escolaridade e tempo de moradia no local. Após, uma das perguntas era referente ao fato de haver ou não espaço verde no interior da propriedade, e as cinco perguntas restantes abrangiam questões referentes aos canteiros, tais como: quem havia elaborado a composição paisagística do canteiro, quem realizava a manutenção dele, qual a importância do canteiro para o entrevistado, se o morador conhecia o nome de alguma espécie ali encontrada e, por último, se o morador se sentia responsável por cuidar daquele espaço público.

As plantas que foram citadas pelos moradores em alguma das perguntas abertas foram fotografadas e comparadas posteriormente com literatura especializada de Lorenzi (2013). Além disso, partes de ramos com folhas foram coletados, herborizados e encaminhados ao Herbário Escola de Florestas Curitiba na Universidade Federal do Paraná (UFPR), para identificação por meio de comparação de exsicatas. Após a confirmação da identificação, verificou-se a procedência das espécies por meio do site Re flora (2017).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das 107 residências amostradas, em 82 foram encontradas pessoas disponíveis para responder ao questionário e participar da pesquisa. Dos 82 entrevistados, 67,1% foram do gênero feminino, e 52,4% alegaram ter concluído o ensino superior (tabela 1). Nos questionários aplicados, verificou-se que 43,9% dos entrevistados tinham idade entre 60 e 74 anos (tabela 1), mas, na pirâmide etária da Regional Matriz, a faixa de idade com maior número de pessoas está entre 20 e 44 anos. O fato de ter encontrado mais pessoas com maior idade pode ser explicado pelo horário no qual as entrevistas foram realizadas (9 h às 17 h), em que é mais fácil encontrar em casa pessoas com idade acima de 60 anos, que, provavelmente, estariam aposentadas.

Botelho *et al.* (2014) acreditam que os aposentados têm um tempo maior para os cuidados da casa do que pessoas de outras faixas etárias, que se encontram mais tempo fora de sua residência. Tais autores presumem também que as pessoas acima de 40 anos têm uma maior relação com o cultivo de plantas. Assim, na presente pesquisa, entrevistar pessoas mais velhas propiciou o contato com quem tem mais tempo e interesse sobre o que acontece com os canteiros em frente à sua residência.

Sobre o tempo de moradia, a maioria das pessoas entrevistadas residia havia mais de 10 anos no local. Possivelmente existe o fato de que aqueles que residem há mais tempo em um local estariam mais envolvidos com o espaço e dispostos a dispende tempo e recurso nos canteiros em frente à sua residência (tabela 1). De acordo com Moura & Andrade (2007), os índices de riqueza de espécies vegetais em quintais urbanos estão provavelmente associados com o tempo que o proprietário mora no local e seu relacionamento com as plantas.

Tabela 1 – Perfil social dos entrevistados.

Faixa etária	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
< 20 anos	0	0
20-44	12	14,6
45-59	19	23,2
60-74	36	43,9
> 75	15	18,3
Gênero		
Feminino	55	67,1
Masculino	27	32,9
Nível de escolaridade		
Ensino fundamental incompleto	7	8,5
Ensino fundamental completo	5	6,1
Ensino médio incompleto	1	1,2

Continua...

Continuação da tabela 1

Faixa etária	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Ensino médio completo	12	14,6
Especialização	3	3,7
Ensino superior incompleto	1	1,2
Ensino superior completo	43	52,4
Pós-graduação	10	12,2
Tempo de moradia		
Menos de 1 ano	1	1,2
Entre 1 e 4 anos	11	13,4
Entre 5 e 10 anos	12	14,6
Mais de 10 anos	58	70,7

Em 49% dos questionários, os moradores responderam que possuem um jardineiro para fazer a manutenção do canteiro em frente à sua residência, em 45% dos casos o próprio morador faz essa manutenção e apenas 6% disseram ter ajuda da prefeitura. O motivo de a maior parte dos moradores (49%) possuir um jardineiro pode estar relacionado com a renda média dos residentes da Regional Matriz, que é a maior renda quando comparada com as demais regionais da cidade de Curitiba (figura 2).

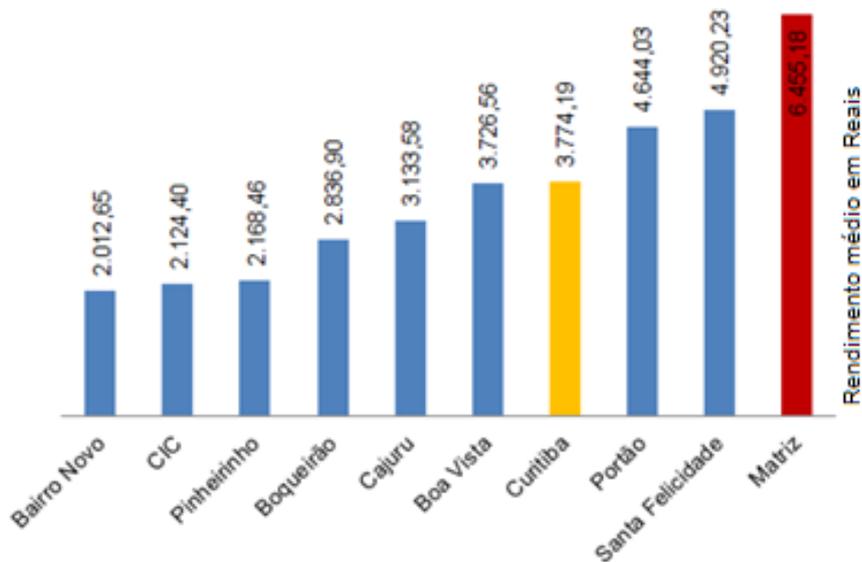


Figura 2 – Renda média dos residentes das Regionais de Curitiba. Fonte: IPPUC (2017).

Quando os moradores foram questionados sobre a elaboração dos canteiros e o sentimento de responsabilidade pelo espaço público, verificou-se que 99% dos canteiros haviam sido elaborados pelos próprios moradores, e 98% das pessoas afirmaram se sentir responsáveis pelos canteiros públicos em frente à sua residência. Tal resultado corrobora a afirmação de Costa & Colesanti (2011) de que os jardins públicos serão mantidos pela população se atenderem a suas necessidades e anseios. Para que a população participe de maneira cidadã, cuidando do espaço público, é fundamental a inclusão dos moradores nas decisões tomadas pelas prefeituras, gerando assim esse sentimento de responsabilidade e de pertencimento ao espaço público.

A figura 3 apresenta a importância da composição paisagística nos canteiros de arborização de ruas, apontada pelos residentes. A maioria dos entrevistados (77%) respondeu que os canteiros tinham para eles uma importância estética. Esse resultado é semelhante ao encontrado por Sierra-

Guerrero & Amarillo-Suárez (2017) em Bogotá, na Colômbia, em que, dentre as seis categorias de uso (ornamental, alimentar, cultural, purificador de ar, medicinal e controle de pestes) apresentadas aos entrevistados, verificaram que o benefício estético prevaleceu. Os mesmos autores afirmam que o *status* socioeconômico do proprietário está relacionado com a função que este último atribui ao jardim, corroborando o resultado do presente trabalho, em que a maioria dos entrevistados mencionou benefício estético na Regional Matriz, a qual possui a maior renda média de Curitiba (figura 2).

Madrugada *et al.* (2007) também encontraram resultados semelhantes em estudo no *campus* da Universidade Federal de Santa Maria (RS). Os autores justificaram tal resultado pela aparência direta e imediatamente perceptível do estado fenológico das árvores no decorrer das estações do ano.

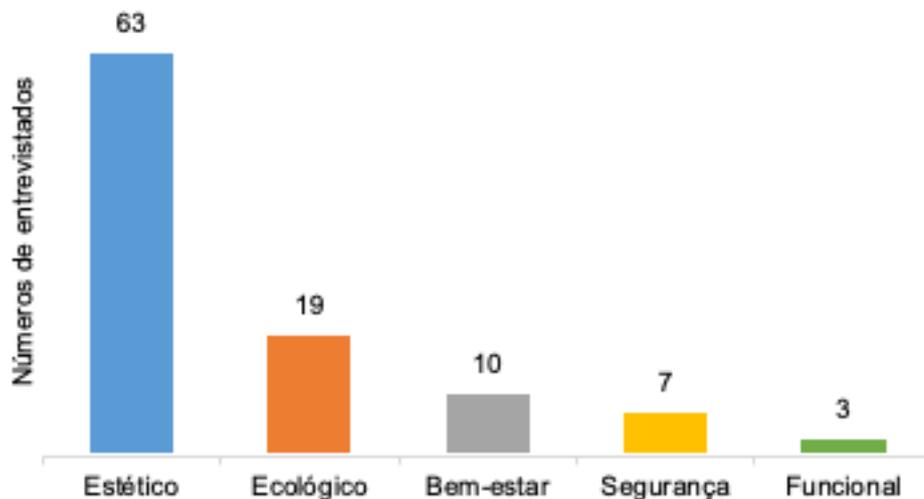


Figura 3 – Valor da composição paisagística nos canteiros para os entrevistados.

Apenas sete moradores responderam que a importância das plantas nos canteiros estava relacionada com o fato de proporcionar segurança ao local, e esses sete moradores possuíam *Euphorbia milii* Des Moul. 1826 (coroa-de-cristo) plantada rente ao muro. A utilização desse arbusto leitoso é muito comum em cercas vivas junto de muros e grades para promover barreira física, por conta de seus numerosos espinhos (LORENZI, 2013), porém, de acordo com Oliveira *et al.* (2019), as plantas com espinhos devem ser evitadas na arborização, em virtude dos riscos que trazem para aqueles que circulam nesses locais.

O segundo e terceiro benefícios mais lembrados pelos residentes foram os relacionados aos aspectos ecológicos e de bem-estar. Tal resultado corrobora o encontrado por Rodrigues *et al.* (2010) em três localidades de Pires do Rio (GO), para as questões referentes ao meio ambiente e à melhoria da qualidade de vida, no entanto, conforme Santos *et al.* (2012), a percepção ambiental dos benefícios da arborização ainda é restrita para a maioria da população.

Quando perguntados sobre o nome de uma espécie plantada no canteiro em frente à sua casa, 74,4% dos moradores souberam responder, e a primeira espécie citada foi aquela validada para a pesquisa. As espécies mais lembradas foram: *Hydrangea macrophylla* (Thunb.) Ser. 1830 (hortênsia) por 13% dos moradores; *E. milii* ou *E. milii* var. *hislopilii* (N.E. Br.) Ursch & Leandri 1954 (coroa-de-cristo) por 10%; *Handroanthus albus* (Cham.) Mattos 1970 e *H. chrysotrichus* (Mart. ex A. DC.) Mattos 1970 (ipê-amarelo) por 8%; e *Strelitzia juncea* Link 1789 ou *S. reginae* Aiton 1789 (estrelícia) por 7% (tabela 2).

Zem & Biondi (2014), ao pesquisar a percepção de moradores em nove regionais de Curitiba e perguntar aos moradores o nome da árvore plantada nos canteiros em frente ao seu imóvel, verificaram que apenas 14,3% dos entrevistados reconheceram a espécie. Biondi & Althaus (2005) explicam que a identificação da espécie plantada nos canteiros da arborização viária está associada à forma pela qual a população, ao longo do tempo, se relaciona com ela. O grau de reconhecimento das espécies encontradas está ligado ao vínculo dos moradores que utilizam os canteiros para composição paisagística e demonstram, assim, maior interesse na sua conservação e manutenção em comparação com os moradores que possuem somente árvores plantadas pela prefeitura e não participaram de tal escolha.

Tabela 2 – Espécies citadas pelos entrevistados. Legenda: P – procedência; E – exótica; N – nativa; F abs – frequência absoluta; F (%) – frequência relativa ao número de entrevistados que souberam o nome de uma espécie em frente à sua residência; C – cerrado; CA – campo de altitude; CR – campo rupestre; CV – campo de várzea; FC – floresta ciliar; FED – floresta estacional decidual; FEP – floresta estacional perenifólia; FESD – floresta estacional semidecidual; FO – floresta ombrófila; R – restinga.

Família	Nome científico	Nome popular	P	Origem	F abs	F (%)
Amaryllidaceae	<i>Agapanthus africanus</i>	Agapanto	E		3	4,9
Arecaceae	-	Palmeira	E		2	3,3
	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	Jerivá	N	CA, CV, CR, FC, FED, FEP, FESD, FO	1	1,6
Asparagaceae	<i>Sansevieria trifasciata</i> var. <i>laurentii</i>	Espada-de-são-jorge	E		2	3,3
	<i>Yucca guatemalensis</i>	Yucca	E		1	1,6
Asteraceae	<i>Dahlia pinnata</i>	Dália	E		1	1,6
Bignoniaceae	<i>Handroanthus albus</i>	Ipê-amarelo	N	CR e FO	5	8,2
	<i>Handroanthus chrysotrichus</i>					
	<i>Jacaranda mimosifolia</i>	Jacarandá-mimoso	E		1	1,6
Buxaceae	<i>Buxus sempervirens</i>	Buxinho	E		1	1,6
Caryophyllaceae	<i>Dianthus caryophyllus</i>	Cravo	E		1	1,6
Commelinaceae	<i>Tradescantia</i> spp.	Lambari	E		1	1,6
Cupressaceae	<i>Chamaecyparis</i> spp.	Cipreste	E		1	1,6
	<i>Cupressus lusitanica</i>	Cedro				
Cycadaceae	<i>Cycas</i> spp.	Cica	E		1	1,6
Euphorbiaceae	<i>Euphorbia milii</i>	Coroa-de-cristo	E		6	9,8
	<i>Euphorbia milii</i> var. <i>hislopilii</i>					
Ericaceae	<i>Rhododendron simsii</i>	Azaleia	E		1	1,6
Hydrangeaceae	<i>Hydrangea macrophylla</i>	Hortênsia	E		8	13,1
Iridaceae	<i>Dietes</i> spp.	Moreia	E		3	4,9
Lamiaceae	<i>Lavandula dentata</i>	Lavanda	E		1	1,6
Malvaceae	<i>Abutilon megapotamicum</i>	Lanterna-chinesa	N	FO	1	1,6
	<i>Hibiscus</i> spp.	Hibisco	E		1	1,6
Melastomataceae	<i>Tibouchina mutabilis</i> "Nana"	Manacá-da-serra	N	FO	1	1,6
	<i>Tibouchina sellowiana</i>	Quaresmeira	N	FO	1	1,6
Moraceae	<i>Ficus benjamina</i>	Figueira	E		1	1,6
Myrtaceae	<i>Campomanesia xanthocarpa</i>	Gabirobeira	N	FESD, FO	1	1,6
	<i>Psidium cattleianum</i>	Araçazeiro	N	C, FO e R	1	1,6
Orchidaceae	<i>Dendrobium nobile</i>	Olho-de-boneca	E		1	1,6
Oxalidaceae	<i>Oxalis</i> sect. <i>Acetosellae</i>	Azedinha	E		1	1,6
Poaceae	<i>Zoysia matrella</i>	Grama-coreana	E		1	1,6
Podocarpaceae	<i>Podocarpus macrophyllus</i>	Podocarpo	E		1	1,6

Continua...

Continuação da tabela 2

Família	Nome científico	Nome popular	P	Origem	F abs	F (%)
Rosaceae	<i>Rosa grandiflora</i>	Roseira	E		3	4,9
Solanaceae	<i>Cyphomandra betaceum</i>	Tomate-arbóreo	E		1	1,6
Strelitziaceae	<i>Strelitzia juncea</i>	Estrelícia	E		4	6,6
	<i>Strelitzia reginae</i>					
Verbenaceae	<i>Duranta erecta</i> var. <i>aurea</i>	Pingo-de-ouro	E		1	1,6
	<i>Lantana camara</i>	Lantana	N	C, FO e R	1	1,6
SOMA					61	100,0

Ao analisar a procedência das espécies citadas, foi possível perceber que apenas 19,7% dos moradores citaram o nome de uma espécie nativa/naturalizada do Brasil. As espécies lembradas foram: *S. romanzoffiana* (jerivá), *H. albus* ou *H. chrysotrichus* (ipê-amarelo), *A. megapotamicum* (lanterna-chinesa), *T. mutabilis* “Nana” (manacá-da-serra), *T. sellowiana* (quaresmeira), *C. xanthocarpa* (gabirobeira), *P. cattleyanum* (araçazeiro) e *L. camara* (lantana) (tabela 2).

Entre as espécies nativas citadas, todas eram do ecossistema existente em Curitiba (floresta ombrófila), demonstrando que, mesmo sendo baixo o número de pessoas que citaram uma espécie nativa, estas conhecem e plantam em seu jardim espécies nativas do ecossistema da cidade em que residem.

As espécies nativas comercializadas no Brasil são pouco representativas da diversidade existente no país. A principal barreira para o uso de espécies nativas em projetos paisagísticos são os padrões culturais da população, pois esta privilegia produtos exóticos e não visualiza os benefícios que poderiam ser incorporados à sociedade ao utilizar melhor os recursos naturais.

É importante salientar que nem toda espécie exótica traz necessariamente prejuízos ambientais, mas o ideal seria utilizar espécies nativas da região, não só por motivos ecológicos, como também para valorizar a riqueza florística regional (BLUM *et al.*, 2008; MIRANDA *et al.*, 2015).

CONCLUSÃO

Com os resultados obtidos no presente trabalho, foi possível compreender melhor a relação dos residentes da Regional Matriz com as composições paisagísticas elaboradas nos canteiros da arborização viária em frente às residências. Tais dados podem ser utilizados como base para planejamentos futuros da floresta urbana.

Os moradores da Regional Matriz, em Curitiba, independentemente do nível de escolaridade, sentem-se responsáveis pelo espaço público, pois, segundo suas respostas, na quase totalidade dos casos foram os próprios moradores que elaboraram a composição paisagística existente nos canteiros de arborização viária em frente às suas residências.

Na maioria dos casos, os moradores tiveram ajuda de um jardineiro para fazer a manutenção do canteiro em frente à sua residência, demonstrando, assim, que essa iniciativa parte dos próprios moradores, sem incentivo público.

Boa parte dos moradores conseguiu identificar e citar o nome de ao menos uma espécie plantada nos canteiros em frente à sua residência, mostrando interesse pela conservação e manutenção dos canteiros. Mas observou-se que, das espécies conhecidas pelos moradores, a minoria referia-se a espécies nativas, reflexo dos padrões culturais da população que desvaloriza a flora nacional.

REFERÊNCIAS

- Biondi, D. & Althaus, M. Árvores de rua de Curitiba: cultivo e manejo. Curitiba: Fupef; 2005. 180 p.
- Blum, C. T., Borgo, M. & Sampaio, A. C. F. Espécies exóticas invasoras na arborização de vias públicas de Maringá-PR. *Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana*. 2008; 3(2): 78-97.
doi: <http://dx.doi.org/10.5380/revsbau.v3i2.66347>
- Bobrowski, R. & Biondi, D. Percepção e preferência popular por atributos estéticos e ecológicos na composição da arborização de ruas. *Floresta*. 2016; 46(1): 123-133.
doi: <http://dx.doi.org/10.5380/revsbau.v46i1.43013>
- Bobrowski, R., Biondi, D. & Baggenstos, D. Composição de canteiros na arborização de ruas de Curitiba (PR). *Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana*. 2009; 1(1): 44-61.
doi: <http://dx.doi.org/10.5380/revsbau.v4i2.66279>
- Botelho, J. D. M., Lamano-Ferreira, A. P. D. N. & Ferreira, M. L. Prática de cultivo e uso de plantas domésticas em diferentes cidades brasileiras. *Ciência Rural*. 2014; 44(10): 1810-1815.
doi: <https://doi.org/10.1590/0103-8478cr20131036>
- Camps-Calvet, M., Langemeyer, J., Calvet-Mir, L. & Gómez-Baggethun, E. Ecosystem services provided by urban gardens in Barcelona, Spain: insights for policy and planning. *Environmental Science & Policy*. 2016; 62(1): 14-23.
doi: <https://doi.org/10.1016/j.envsci.2016.01.007>
- Costa, R. G. S. & Colesanti, M. M. A contribuição da percepção ambiental nos estudos das áreas verdes. *RA'E GA*. 2011; 22: 238-251.
doi: <http://dx.doi.org/10.5380/raega.v22i0.21774>
- Curitiba. Lei n.º 9.800, de 3 de janeiro de 2000. Dispõe sobre o zoneamento, uso e ocupação do solo no município de Curitiba, revoga as leis n.º 4199/72, 5234/75, 5263/75, 5490/76, 6204/81, 6769/85, 7068/87 e 7622/91 e dá outras providências. *Diário Oficial do Município de Curitiba*. Curitiba, PR; 3 jan. 2000. [Acesso em: 15 fev. 2020]. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/curitiba/lei-ordinaria/2000/980/9800/lei-ordinaria-n-9800-2000-dispoe-sobre-o-zoneamento-uso-e-ocupacao-do-solo-no-municipio-de-curitiba-revoga-as-leis-n-4199-72-5234-75-5263-75-5490-76-6204-81-6769-85-7068-87-e-7622-91-e-da-outras-providencias>.
- Davies, Z. G., Fuller, R. A., Loram, A., Irvine, K. N., Sims, V. & Gaston, K. J. A national scale inventory of resource provision for biodiversity within domestic gardens. *Biological Conservation*. 2009; 1(42): 761-771.
doi: <https://doi.org/10.1016/j.biocon.2008.12.016>
- Goddard, M. A., Dougill, A. J. & Benton, T. G. Scaling up from gardens: biodiversity conservation in urban environments. *Trends in Ecology & Evolution*. 2010; 25(2): 90-98.
- IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. Curitiba em dados. Curitiba; 2017. [Acesso em: 30 maio 2017]. Disponível em: <http://www.ippuc.org.br/Bancodedados>.
- Loboda, C. R. & Angelis, B. L. D. Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. *Ambiência*. 2005; 1(1): 125-139.
- Lorenzi, H. Plantas para jardins no Brasil: herbáceas, arbustivas e trepadeiras. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2013. 1088 p.
- Maack, R. Geografia física do estado do Paraná. 4. ed. Ponta Grossa: Editora UEPG; 2017. 526 p.
- Madrugada, P. R. A., Illana, V. B., Kleinpaul, J. J., Scapini, G. P., Berger, G. & Salbego, A. G. Quantificação da cobertura florestal do campus da Universidade Federal de Santa Maria, com o auxílio de imagem de alta resolução. *Ambiência*. 2007; 3(1): 79-88.
- Miranda, Y. C., Machado, M. S., Silva, L. S., Estevam, R., Martins Neto, F. F. & Caxambu, M. G. Análise quali-quantitativa da arborização de ruas do município de Godoy Moreira – PR. *Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana*. 2015; 10(1): 71-81.
doi: <http://dx.doi.org/10.5380/revsbau.v10i1.63210>

- Moura, C. L. & Andrade, L. H. C. Etnobotânica em quintais urbanos nordestinos: um estudo no bairro da Muribeca, Jaboatão dos Guararapes – PE. *Revista Brasileira de Biociências*. 2007; 5(1): 219-221.
- Nascimento, M. C., Fontes, L. C., Santos, E. P. C. C. & Teixeira, E. K. C. Arborização urbana na cidade de Ouro Branco/MG: percepção da população e plantio de árvores na comunidade. *Revista Compartilhar – Reitoria*. 2017; 2(1): 26-28.
- Novais, D. B., Souto, P. C., Barroso, R. F., Camaño, J. D. Z. & Ferreira, V. S. G. Arborização na cidade de Santa Helena na Paraíba: a percepção dos seus munícipes. *Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana*. 2017; 12(1): 31-45.
doi: <http://dx.doi.org/10.5380/revsbau.v12i1.63496>
- Oliveira, J. D., Scipioni, M. C., Reis, A. N. & Ximenes, E. Diagnóstico da arborização da Praça Centenário, Curitiba, Santa Catarina, Brasil. *Acta Biológica Catarinense*. 2019; 6(3): 23-36.
doi: <http://dx.doi.org/10.21726/abc.v6i3.852>
- Reflora. [Acesso em: 2 maio 2017]. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/PrincipalUC/PrincipalUC.do?lingua=pt>.
- Rodrigues, T. D., Malafaia, G., Queiroz, S. E. E. & Rodrigues, A. S. L. Percepção sobre arborização urbana de moradores em três áreas de Pires do Rio – Goiás. *Revista de Estudos Ambientais*. 2010; 12(2): 47-61.
doi: <http://dx.doi.org/10.7867/1983-1501.2010v12n2p47-61>
- Santos, G. E. O. Cálculo amostral: calculadora on-line. [Acesso em: 19 mar. 2017]. Disponível em: <http://www.calculoamostral.vai.la>.
- Santos, L. R., Santos, E. A., Pinheiro, R. M. & Ferreira, E. J. L. Diagnóstico da arborização do parque urbano Tucumã, em Rio Branco, AC. *Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana*. 2017; 12(2): 103-116.
doi: <http://dx.doi.org/10.5380/revsbau.v12i2.63529>
- Santos, T. O. B., Lisboa, C. M. C. A. & Carvalho, F. G. Análise da arborização viária do bairro de Petrópolis, Natal, RN: uma abordagem para diagnóstico e planejamento da flora urbana. *Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana*. 2012; 7(4): 90-106.
doi: <http://dx.doi.org/10.5380/revsbau.v7i4.66546>
- Sierra-Guerrero, M. C. & Amarillo-Suárez, A. R. Socioecological features of plant diversity in domestic gardens in the city of Bogotá, Colombia. *Urban Forestry & Urban Greening*. 2017; 28: 54-62.
doi: <https://doi.org/10.1016/j.ufug.2017.09.015>
- Silva, S. L. & Moraes, M. V. A. R. Percepção ambiental e arborização urbana em Teresina, Piauí. *Revista Equador*. 2016; 5(3): 320-339.
- Souza, S. M., Cardoso, A. L. & Silva, A. G. Estudo da percepção da população sobre a arborização urbana, no município de Alegre, ES. *Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana*. 2013; 8(2): 68-85.
doi: <http://dx.doi.org/10.5380/revsbau.v8i2.66423>
- Todorova, A., Asakawa, S. & Aikoh, T. Preferences for and attitudes towards street flowers and trees in Sapporo, Japan. *Landscape and Urban Planning*. 2004; 69(4): 403-416.
doi: <https://doi.org/10.1016/j.landurbplan.2003.11.001>
- Zardin, M. C., Oliveira, J. D., Arthuso, J. P. & Biondi, D. Perfil e percepção dos frequentadores do parque municipal São Lourenço de Curitiba, PR. *Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana*. 2017; 12(3): 37-50.
doi: <http://dx.doi.org/10.5380/revsbau.v12i3.63573>
- Zem, L. M. & Biondi, D. Análise da percepção da população em relação ao vandalismo na arborização viária de Curitiba, PR. *Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana*. 2014; 9(3): 86-107.
doi: <http://dx.doi.org/10.5380/revsbau.v9i3.63220>